



A Borboleta adagando
Por toda a extensidade.
Promette aos seus leitores
De sempre dizer a verdade.

Em nossos toscos escriptos
Guardaremos negras palavras
Que é dos vícios fallas
Sem nomear as pessoas

Publica-se aos Domingos, e subscreve-se a 500 rs. por 4 números (pagos adiantados) na typographia de Peixoto & Leite, rua nova do Ouvidor n. 9, onde se vendem números avulsos.

A BORBOLETA

Fantasia.

(Conclusão)

Depois são crestadas pelo halito do inverno, ou pelos andores excessivos do verão, e des-
 pem-se do seu manto de verde folhagem,
 e murchoam, e desaparecem, nos muros, olhos
 pasmos, de uma tão rápida metamor-
 phose.

Os regatos e as fontes, as cascatas e os rios
 caudalosos, seccão às vezes a moingoa de aguas,
 deixando apenas no solo arenoso os sulcos

FOLHETIM.

FREDERICO

O ORPHÃO D'ALDEA.

Por...

(Continuação do n. 12)

— Ali está tu, Maria! pois bem, agora que estás
 em meu poder, não me has de escapar.

— Senhor, em nome do céu, disse Maria, deixai-
 me, deixai-me partir.

— Que! deixá-lo partir! só, por estes annos,
 não, não consentirei, e de mais não hei de desprezar
 este grande obsequio que me fez o acaso.

— Senhor, por piedade!

— Ah, Maria, quando eu fui pedir-te a teu pai
 para seres minha esposa, elle recusou dar-me a tua

profundidade — seu caminho de muitos annos
 sulcos que os ventos se encarregão de plamar,
 para que de tudo isso não restigios restem.

Gerações tem vindo umas após outras, e
 todas para caminharem ao mesmo fim,
 a Eternidade!

Si d'entre ellas alguns antes não saído
 a percorrerem o mundo de idade em idade,
 limpos sempre do pó do esquecimento,
 porque ellas não tinham a coragem,
 ou já no amor, ou na bravura e coragem,
 ou na ambição e até mesmo na crueldade.

Sim, minha terna e encantadora amiga:
 não ha estabilidade nas cousas deste mun-
 do.

mão; porém hoje que estás em meu poder, serás mi-
 nha amante!

Maria, ouvindo taes palavras, fica cheia de horror
 e exclama:

— Grande Deus! Mas, senhor, acaso tendes
 animo de violentar a uma fraca mulher?!

— Não usarei de violencia, se for do teu agrado
 que...

— Oh! nunca, nunca; sera mais facil me tirar-
 des a vida, do que eu praticar tal infamia!

— Ora vamos, Maria, socega; se tu fores minha
 amante nada teras a desejar, e de mais, por tu vires
 parar aqui a estas horas, eu já desconfiei que talvez
 fosses seduzida por Frederico, e que agora o procu-
 ravas, pois eu sei que elle já veio da cidade; porém
 se a minha suspeita for certa, farei a ti um grande
 favor, em querer que tu sejas minha amante.

Maria, ouvindo fallar de seu amante, esquece-se
 que está diante de Jorge e alterando a voz lhe disse:

— Senhor, sois bem ajeitado em chamar a um
 homem honrado de seductor, pois os malvades como
 vós e queo são!

(Continua)

2156
52

do... só podemos contar com a Eternidade!....

Morramos, minha virgem... temo que a mão da desgraça nos venha separar, em meio de nossos dias felizes... temo que a mão da desgraça venha destruir o Paraíso em que nos achamos!...

Oh! morramos, minha doce-amiga! morramos nesta embriaguez de amor e de suavíssimas venturas, em quanto nossas almas, tão próximas do céu, se extaziam a contemplá-lo!... Quanto nos não será agradável e doce a morte — neste momento?... —

Morramos, meu anjo! a vida é curta, a felicidade ainda mais curta e passageira que a vida!...

Assaz hei vivido neste só momento! Dize-me; dize que me amas... uma só vez ainda...

Abraça-me depois.... morramos juntos!...

Sim; que eu temo perder-te....

A ti a quem amo com idolatria; para quem so vivo; a ti a quem adoro como nunca minha mãe foi adorada; a ti a quem no coração ergui um altar semelhante áquelle que ao Eterno consagrei!...

A ti por quem daria todo o meu sangue!... A ti, a quem direi a minha ultima palavra! A ti, a quem dedicarei o meu derradeiro pensamento! A ti—por quem soltarei o meu final suspiro!...

Dize-me; dize que me amas... uma só vez ainda.

Abraça-me depois.... morramos juntos!....

A' patria dos anjos, voemos contentes;
E' lá, minha virgem, que eu quero te amar;
Do seio do Eterno vieste á meus braços,
Na terra—não podes, não deves ficar.—

Tu'alma—tão pura—ninguém comprehende;
Tens meigos sorrisos, q'm póde pagar?
Não sabem os homens quem és, d'onde has vindo
Indignos são elles até de te olhar!...

Não seismes; partamos... tua mãe t'o supplica;
A minha—tambem—lá me está a chamar....
Ao cóllo me cinge teus braços mimosos,
Eternas venturas—oh! vamos gozar!...

G.

As duas vizinhas.

— Bom dia, *Joanninha*: estimo que esteja no goso de perfeita saúde. Hoje não me foi preciso ralar os dedos na vidraça, gosto muito quando não me fazem esperar: o animo, com que temos trilhado na carreira espinhosa de nossa escripturação sobre o assumpto de nossa conversação, faz com que, reflectindo seriamente, tenhamos sem duvida occorrido no desagrado de nossos leitores.

— Como assim?

— Como assim?... Eu lhe explico. Ao lerem nossa conversa, dirão lá para si, que é um tanto massante e um pouco insipida; que não fazemos mais do que encher as columnas da *Borboleta* com mero assumpto. Nossas leitoras nos chamarão de desenxabidas; dirão que não tratamos de bailes, que não damos uma descripção desta ou d'aquella moda, finalmente, que não fallamos nos passeios, nas festas, etc., etc., etc.; e isto é razão sufficiente para ganharmos sua antipathia. O modo com que terminamos sempre nossa conversa, demonstramos a pressa e falta de tempo; mas o que poderemos dizer a este respeito, se é echo geral da imprensa, e mesmo ordem do dia — *O fim do mundo, as saias balões, os chapéus de apanhar uvas*, etc., etc.?—Certamente, nada. Se fôssemos repetir cousas já tão sabidas, era de novo cahirmos no desagrado, inteiramente uma *massada*! Assim pois, tornaremos ao nosso assumpto de domingo, e descreverei nessa nossa conversa o que promettemos, si por acaso alcançassemos licença de nosso papai, o que diz, vizinha?

— Visto termos ido, acho justo que assim seja; e guardaremos então a *salvação do fim do mundo, para o seguinte numero*.

— Muito bem, eis ahí pois o caso:

A noite serena e pura, patenteava pelos reflexos melancolicos d'uma meiga lua, um céu puro de anil; embriagada a natureza pela mansa brisa, engolfava-se no extenso manto das trevas, para de novo surgir no mimoso véo da matutina e refulgente aurora!

O povo fatigado das delicias desse bello dia, ia vendo tambem extinguir-se a noite, que a poucos instantes tinha suavizado o doce prazer. Immensas moças, velhas, galantes jovens e crianças, percorrião o vasto campo de Santa Anna, que ufano de se ver apinhado de muito povo, parecia sorrir-se ao som das differentes musicas, que soavam desta ou

d'aquella barraca, e que iam morrer, como o leito principal, no esplendido *Imperio*, que guarnecia então a musica do batalhão de fusileiros.

A enchente era geral em todas as barracas; o povo estava contente.

A companhia do Sr. Bartholomeu não trabalhou mal; é digna dos nossos fracos elogios.

Ao soar dez horas no *aragão*, um estrondo se fez ouvir, e um dos *bombões* annunciou o principiar do fogo!

Nada é para admirarmos o effeito desse divertimento, ver um é ver todos. A razão é bastante clara; se este apresentou-se com umas cores visíveis e bonitas, algumas de suas rodas falharão, e um extenso véo de fumo veio apagar todo o brilho de seu mystico! Mas, comtudo, se não fosse isso para o pobre, qual seria para elle o divertimento? Ao menos é isso que elle nada paga; apenas embrulhado n'uma remendada capa, ou n'um vestido velho compartilha no mesmo riso e prazer! si por acaso não é victima do escarneo e dos sarcasmos dos fidalgos da época!

Assim pois, leu-vos-se a *littera* aos *Irmãos dessa Veneravel Irmandade*, para que sempre que possão, fação benignos votos d'uma Fé pura, e elevem suas orações aos preceitos da Santa Religiao.

— Eis aqui a nossa conversa de hoje, visinha, e até domingo.

— Adeos.

POESIAS.

A fecção realisada.

Como és linda! Visão de meus sonhos!...
Anjo, fada, mulher, meu encanto!
Olha, vê—como as faces me banhão
De prazer, ó meu bem, doce pranto!...

Quantas vezes perdi a esperança
De no—mundo—mulher, te encontrar!
Quantas noites passei—tristemente—
Anjo, fada, por ti a chorar!

Quantas vezes a lympha das fontes,
Anjo, fada, por ti perguntei!
Que mui pura, serena correndo
Murmurava baixando—não sei!

Quantas vezes ás flores rissonhas
A visão dos meus sonhos pedi!
Balançavão nas hastes mimosas,
Não me davão noticias do teu nome!

Quantas vezes—ao ver uma sombra
Fortemente o meu peito bateu!...
Quantas vezes o echo—me ouvindo—
Anjo!—ao longe—tão só respondeu!...

Quantas vezes ás aves pedi-te!...
Quantas vezes á brisa e aos céos
Quantas vezes á lua, ás estrellas,
E ao sol, e aos mares, e á Deos!

Quantas vezes perdi a esperança
De no—mundo—mulher, te encontrar!
Quantas noites passei—tristemente—
Anjo, fada, por ti—a chorar!

Tu és uma harpa divina
Um canto ao Senhor saudando!
Tu és uma nuvem bella
Na orla dos céos roçando!

Tu és mimosa manhã
Linda, contente a folgar!
És uma rola nos bosques
Dôr e suspiro a soltar!

Tu és do céu do Brazil
Azulado e casto xéo!
Tu és.... perdôa, ó formosa,
És toda o destino meu!

Em que penso?

Pensarei no meu futuro,
Ou no meu presente estar!
Vejamos, se em toscas quadras
Advinho o meu pensate!

Pensarei eu em ser rico
Em ser senhor de hum thesouro?
Fazendo mil desgraçados,
P'ra matar-me a sede d'ouro?

Pensarei que deslumbrante
Com essa grande riqueza,
Deva ser mão como muitos,
Escarnecendo a pobreza?

Pensarei em ser soldado,
P'ra mil vezes combater,
P'ra no campo da guerra
Glorioso eu morrer?

Pensarei de ainda estar
Fóra de meus parentes,
E que elles viverão
Sempre de mim auzentes!

Pensarei que os meus pezares
Jamais só devem findar,
Que a roda dos meus desgostos
Nunca mais hade parar?

Pensarei que os meus amigos
Me deixarão torturando,
Quando fim ás minhas dores
Estiver eu procurando?

Pensarei nos verdes campos
Da minha terra formosa,
Que p'ra lá me desterrando,
Passarei vida gostosa?

Pensarei que em minha terra
E' que há só sabores?
Quem sabe si, por acaso,
Eu só penso em meus amores?!

Sim; é nisso que só penso
A todo e qualquer instante;
Penso em mim e nessa joyen
Tão virtuosa e constante!

Penso que nesta vida
Um de nós ha de morrer;
Um de nós ha de ficar
Neste mundo a padecer!

E. C. Vasque

Rio, 3 de Junho de 57.

ANECDOTA.

Tendo fallecido certa Senhora, de algum prestigio, depois da missa do setimo dia ficarão alguns convidados em companhia da familia, até que se aproximou a hora do jantar; reunidos todos á mesa, cada um procurara demonstrar á familia os mais vivos signaes de gratidão aos favores devidos á finada, (isto em sua vida), quando, pedindo a palavra um dos assistentes, e lançando mão de um copo, diz: — Lá vai a saúde da *defuncta* minha protectora.

CHARADAS.

Sirvo em terra e no mar..... 1
Nunca estou acompanhado..... 1

CONCEITO.

Sou o maior edificio
Pelo Monarcha habitado.

Assim fiz com tua carta..... 1
Não ha luz igual á minha..... 1

CONCEITO.

E' o nome de uma menina
Muito bella e engraçadinha.

Por me ter tornado culpada
Por Juizes sou julgada..... 1
Em todas as casas
Sou mui estimado,
Pois que já a muitos
Tenho devorado..... 2

CONCEITO.

Pela terra silencioso
Eu costume passear
Sempre correndo sereno
E sem nunca murmurar.